

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

35.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. DEZEMBRO 30, 1837.



SARAGOÇA.

SARAGOÇA.

O NOME desta cidade não será desconhecido aos nossos leitores, quando tão frescas estão ainda as memorias dos successos das guerras peninsulares contra a ambição de Buonaparte. E' constante o valor e pertinacia com que os briosos aragonezes defenderam quasi palmo a palmo a sua capital, já meia invadida por tropas numerosas e aguerridas. Este feito é a mais brilhante pagina da historia contemporanea dos nossos visinhos; e ainda ha pouco o vimos ter louvavel imitação na heroica defeza da cidade de Bilbao. Não quiz a Hespanha actual, emulando em nossos dias as suas celebradas Numancia e Sagunto, ficar em divida de civismo e valentia ás proezas da Hespanha antiga nos tempos remotos do poder romano.

Quando o general Lefebvre se apresentou com a sua força diante de Saragoça, em 14 de Julho de 1808, reputou-a facil conquista, tão desguarnecida estava, e tão pouco vantajosa, militarmente fallando, era a sua posição. Mas os peitos e a constancia dos habitantes suppriram a falta de fortificações, debaixo do commando do governador Palafox. Nem os fez desfalecer o horror do bombardeamento, nem o vigor dos assaltos. Em Agosto entraram os francezes pela rua de Santa Engracia, e então se ayivou todo o impulso do

ataque, e se duplicou a tenacidade da resistencia dos defensores. De todos os edificios, e enערusamentos das ruas, rompia o violento fogo dos combatentes quasi á queima roupa. Lefebvre julgou opportuno propor a entrega nesta brevissima nota: "*Quartel general de S. Engracia. Capitulação.*" A resposta do brioso governador hespanhol foi igualmente laconica: "*Quartel general de Saragoça. Guerra até chegar ás fachadas.*" A peleja immediata foi renhida, e terrivel. Os francezes occupavam um lado da larga rua do Cozo, e no centro della o general Verdier dava do convento franciscano as suas ordens. Os hespanhoes mantinham o lado opposto, erguendo nas aberturas das ruas as suas baterias, defronte, e a poucos passos das baterias inimigas. O espaço intermedio estava atulhado dos mortos, que alli caiam, e dos que eram arremegados pelas janellas. No dia seguinte as munições começaram a faltar aos habitantes; mas nem inda assim desmaivavam, e ninguem fallou de capitulação: estavam resolutos a combater a ferro frio, ataque espantoso quando commettido por homens desesperados. Felizmente chegaram soccorros a tempo, e o conflicto continuou de rua para rua, de casa para casa, exasperando-se o furor dos assaltantes ao verem que não podiam subjugar uma cidade insustentavel segundo to-

das as regras da sciencia militar. Ultimamente correram noticias que descoroçoaram os sitiadores; e no dia 14 d'Agosto as columnas francezas desfilaram em completa retirada.

Neste cerco memoravel habitantes d'ambos os sexos rivalisaram em entusiasmo patriotico. A condeza Burita, joven e formosa, organisou companhias de mulheres, incumbidas de transportar os feridos, de levar agua e provisões aos defensores. Não houve differença de hierarchias; nas altas classes da sociedade, e nas mais inferiores, appareceram exemplos dignos d'imitação. Agostinha Saragoça, pessoa de baixa condição, distinguio-se auxiliando uma boca de fogo, collocada nas linhas de defensão, durante os maiores perigos.

Porém no segundo sitio, que começou em Novembro do mesmo anno, experimentou Saragoça adverso destino: depois de porfiada resistencia teve de capitular no meado de Fevereiro.

Esta nobre cidade, que já foi côrte dos antigos reis do Aragão, não era escassa de magnificos edificios, principalmente ecclesiasticos, de que ainda muitos subsistem: mas pôde com facilidade avaliar-se quaes seriam os estragos, e ruinas, que ficariam, depois de tão devastadora e tenaz contenda, onde [como diz um escriptor francez] quasi não ficou casa que não fosse objecto d'um cerco especial. O mais famoso destes edificios, o mosteiro de S. Engracia, pertencente á ordem de S. Jeronymo, e notavel a muitos respeito, foi pelos ares, n'uma explosão, quando os francezes fizeram a sua primeira e infructuosa tentativa para conquistar a cidade.

As duas cathedraes são ainda dignas de consideração: a sé velha, no estilo severo e melancholico da idade media; e a nova, ou templo de N. Sr.^a do Pilar, mais elegante, e aprasivel, conhecida em todas aquellas provincias do norte pelo culto da Virgem, que, sob a invocação do Pilar, é muito venerada dos hespanhoes. Entre as mais construcções notaveis tem o primeiro logar a torre inclinada, erecta em 1594, e famosa rival da celebre torre Pisana. Em a nossa gravura damos o prospecto d'uma excellente ponte de cantaria, lançada sobre o Ebro, e que dá serventia da principal porção de Saragoça para os seus suburbios. Consta de sete arcos de consideravel altura. Além desta ha outra de madeira sobre o mesmo rio, que passa pela mais formosa deste genero na Europa.

A universidade de Saragoça foi fundada em 1118, depois da expulsão dos mouros do Aragão, mas a sua completa organização data de 1474. Frequentaram-na em outros tempos mais de 2:000 estudantes, e contava 121 professores de differentes faculdades.

ALBINOS.

ESTA palavra alatinada designa aquelles individuos, que tambem chamámos pretos-brancos. O uso tem consignado denominações particulares para os diversos fructos do encruzamento das principaes raças humanas como, por exemplo, as de mulatos, mestiços, &c. — Porém as gerações, que succedem a estas mixturas, formam variedades permanentes, e conservam as suas denominações especiaes. Não são, porém, assim os albinos, que não constituem raça, e tem simples variedades accidentaes, que se devem reputar affecções morbosas.

Ainda que os que temos visto em Portugal sejam, pela maior parte, africanos, comtudo esta aberração da especie humana é commum tambem aos brancos, e ha alguns exemplos delles na Europa. São mui frequentes nas tribus americanas, principalmente no Isthmo de Darien, a ponto de alguns viajantes se enganarem

reputando-os uma nação especial. Encontram-se nas Molucas, na Sumatra, e outras partes do oriente. Em Africa ha muitos; e Bodowich diz que o rei de Ashanti ajuntára na sua corte mais de cem pretos-brancos.

A singularidade destes individuos consiste em que, ou nasçam de paes de côr branca, ou de côr preta, ou bronzeada, teem a pelle, em toda a superficie do corpo, de um branco deslavado, e sem graça, como de cêra branqueada. Os cabellos, sobrancelhas e pestanas, e até os raros cabellos da barba, são do mesmo modo esbranquiçados, quer sejam [segundo a raça] corredios, quer encarapinhados. Teem os olhos lacrimosos, extremamente sensiveis á luz; o iris é de ordinario rosaceo, ou avermelhado, e a pupilla vermelha, de fôrma que se assemelham aos olhos dos coelhos brancos. Mas esta vermelhidão é procedida da ausencia total da materia colorante de certas membranas do olho, que deixam apparecer os vasos sanguineos da parte vascular do orgão. — Os albinos não podem supportar a luz constante, e por isso preferem a obscuridade. Nunca são muito altos; e a sua constituição, de ordinario, é debil. Sendo objectos de repugnancia e quesilia quasi geral, são desleixados, fugidios, e vivem na miseria e com pouco aceio: circumstancia que faz augmentar a zanga, que a mais da gente lhes tem. O seu character moral, as suas faculdades intellectuaes são tambem ignobeis. Os que nasceram entre os negros experimentam toda a casta de mau tracto, e vendem-os como objectos mais de curiosidade que de prestimo. Todavia alguns teem apparecido dotados de grande intelligencia: tal era o allemão Sachs, que publicou um Ensaio d'Historia Natural sobre a sua propria pessoa, e sua irmaã, que era da mesma sorte.

De todos os animaes, não é o homem o unico sujeito ao *albinismo*; infinidade d'outros apresentam a mesma alteração, ou durante toda a vida, ou n'um periodo mais ou menos longo da existencia; phenomeno, que se observa tanto nos quadrupedes, como em muitas aves. Porém nestas varias especies d'animaes o *albinismo* se converte em segunda natureza; e a deviação organica se transmite, e só pôde ser modificada, ou destruida, pelo encruzamento successivo das raças, como demonstraram as concludentes experiencias de Bacwell.

Está assentado que os albinos são congenitalmente affectados d'uma molestia incuravel, seja qual for, ou a lepra branca, de que falla Moyses [*leprosus quasi nix*], ou uma cachexia, como quer Blumenbach. Nada pôde aproveitar-lhes a arte de curar; só a philantropia, espalhando as suas doutrinas, pôde esquivá-los ás mortificações que soffrem no meio do vulgo, que os apupa, por uma deformidade de que são victimas, e não culpados. A boa educação ensina os meninos a não escarnecerem dos miseraveis que a natureza fez defeituosos, e que, por isso mesmo, longe de serem objecto de mofa, são dignos da commiseração da humanidade: a caridade, e a saã moral, ensinarão do mesmo modo a proteger e beneficiar os individuos a quem a natureza maltractou com a enfermidade ou defeito do albinismo, ainda que ridiculo e fastidioso nos pareça o seu aspecto.

DA EDUCAÇÃO MORAL.

QUANDO em o nosso N.^o 27 se deram as principaes regras da educação intellectual, foram de volta com ellas indicadas as da educação moral: resta, portanto, desenvolver estas.

A educação moral tem por objecto amoldar os cos-

tunes, os quaes dimanam dos sentimentos, e manifestam-se nas acções.

Os nossos sentimentos uns são physicos, outros moraes; a dôr que nos causa uma ferida é physica, a dôr que nos causa a morte de um amigo é moral: porém a educação moral só tracta destes ultimos sentimentos, os quaes procedem de um principio, ou de uma faculdade da alma, a que chamamos *sensibilidade*. Esta é inherente á nossa natureza: foi-nos dada pelo Creador, e é conforme ás *leis moraes* que elle assignalou a todos os viventes, que teem uso de razão.

A nossa vontade é a resolução que tomamos de obrar, em virtude dos nossos sentimentos. Somos naturalmente inclinados a obrar em consequencia destes sentimentos, mas não somos forçados, porque podemos examinar os motivos que nos dirigem, e temos liberdade para preferir este, ou aquelle partido. A educação moral deve encaminhar-nos a escolher sempre o melhor, fazendo bom uso da nossa liberdade. A tarefa é simples, porém magnifica; porque tanto se avanta a educação intellectual á physica, tão superior é a educação moral á intellectual.

Esta educação demanda um estudo mui severo do homem moral. É facil quando bem encaminhada; mas de ordinario é difficilissima, porque a dirigem mal, e porque a abandonam a toda a casta de influencias que, ou a paralisam, ou a adulteram. Desenvolveremos alguma cousa as idéas, que acabamos d'emittir, para que se comprehenda quantos conhecimentos e attenção requer a educação moral, para ser perfeita e efficaz.

Os nossos sentimentos moraes emanam, por uma parte, das disposições primitivas das faculdades naturaes, de que a nossa alma é dotada, e desenvolvem-se, por outra parte, pelas sensações physicas da dôr e do prazer. Desde os primeiros dias da vida suscitam-se as nossas sensações, e formam os nossos sentimentos. Amamos o que nos causa sensações agradaveis, o que satisfaz os nossos appetites naturaes, o que lisongeia os nossos instinctos physicos: odiamos tudo que nos contraria: consideramos o prazer como um bem, a dôr como um mal. Portanto o prazer e a dôr são as nossas primeiras sensações; o amor e o odio os nossos primeiros sentimentos; as noções do bem e do mal as nossas primeiras idéas.

Estas idéas, estes sentimentos, e estas sensações se referem ao physico; mas é tal no homem a connexão do physico com o moral, que do primeiro se applicam estas primeiras lições logo ao segundo. Uma criança ama de todo o seu coração, e com suas mais puras afeições, todos os que lhe fazem bem, seu pae, sua mãe, toda a sua familia, em summa todos os que se mostram seus amigos: pelo contrario toma aversão a todos os que se mostram seus inimigos. Isto sem duvida será egoismo, mas é um egoismo, que a natureza nos dá, que exigem os nossos primeiros instinctos, o amor de nós mesmos, o instincto da propria conservação. Este instincto, abandonado a si mesmo, desenvolver-se-hia por modo espantoso, e se converteria em egoismo absoluto; mas sendo bem dirigido é o manancial de todas as virtudes. Com effeito, o nosso *Eu* não é o corpo, é a alma, espirito immortal de que o corpo é apenas o instrumento. Logo a este *Eu*, a este espirito immortal, é que devemos amar em nós mesmos, exercita-lo, e cultiva-lo tanto como o corpo, e com mais cuidado que o corpo, porque é elle quem nos habilita para obrarmos bem, para passarmos neste mundo vida virtuosa e util, e quem nos prepara para mais alto destino.

É esta a missão, que deve desempenhar a educação moral: ella deve vigiar com igual applicação os instinctos physicos, e as disposições moraes, e tanto

mais quanto ambos se mudam facilmente em propensões, e as propensões trazem os habitos e as paixões, e tanto estas como aquelles tomam frequentemente sobre nós imperio tal, que sempre achamos facil desculpa a seus desvarios.

Os nossos habitos adquirem-se em consequencia da repetição dos mesmos actos: uns naturalmente guiam aos outros; e sirva de exemplo o habito de dormir sempre ás mesmas horas. Outros são artificiaes, ou arbitrarios, como o de tomar tabaco. Destes nos podemos desfazer; mas pelo que respeita aos outros podemos varia-los, alterar-lhes o tempo, e o modo, mas nunca extirpa-los inteiramente, quando nascem d'uma necessidade. Eis-aqui os habitos physicos.

Os habitos moraes são mais difficeis de modificar, ou de banir. São menos imperiosos, mas alteram mais toda a existencia. O habito da leitura, ou da meditação, por exemplo, póde cessar sem que sofframos muito; até se lhe póde ganhar indifferença, porque enfim ha homens, que lhes custa menos a largar estes habitos, que a trocarem as horas da comida: porém as consequencias destas mudanças são differentissimas. O abandono d'um habito moral começa toda uma vida nova, muda toda uma ordem de idéas. O homem, que deixa de lêr, ou que deixa de meditar, é ainda o mesmo homem, mas a sua alma já não é a mesma; a perspicacia dos seus raciocinios, a rectidão das suas concepções, a pureza das suas intenções, e a gravidade, que o caracterisavam, desapareceram com os seus bons habitos.

Ora o abandono dos maus habitos produz o mesmo effeito em sentido contrario. Tomemos para exemplo um dos mais notaveis, o de praguejar, tão commum nas classes infimas da sociedade. O homem, que conserva este ruim habito, affecta, ou mostra naturalmente um arrebatamento, uma grosseria, uma rispidez de sentimentos, que fazem com que se fuja da sua companhia, e que o tornam insupportavel: mas logo que perde este habito, tudo muda na sua linguagem, como nas suas maneiras; passa a ser benigno, razoavel, e obsequioso. É o mesmo homem *pro forma*; mas é quasi outra alma.

Os habitos, que mais importa vigiar são os que, para assim dizer, são ao mesmo tempo moraes e physicos; como o da comida, e da bebida. Este é physico em sua origem, e como tal permanece, porque é uma necessidade principal da vida: mas o seu abuso tanto destroe a organização physica como prejudica a moral.

Outros ha que são quasi indifferentes, por exemplo a escolha de cores dos vestidos; porém muiitos parecem indifferentes, e não o são, como o apeertar a mão aos nossos amigos: a esta practica ligam-se idéas moraes, e então é de grande importancia, e não deve por abuso praticar-se a toda a hora, sem escolha nem reflexão; porque perde o seu prestigio moral, e deixa de significar uma das mais ternas afeições do coração humano, a sincera amizade; passa ao rol de uma etiqueta trivial, insignificante como outras muitas, e, o que é peor, ás vezes dissimulada e traçoieira.

A maior parte dos nossos usos de urbanidade nasceram de idéas moraes, hoje mais ou menos obscurecidas: visto por este lado, o verdadeiro codigo da civilidade é um verdadeiro codigo de moral; e por isso convem muito abster de familiarisar os meninos com as bugiarias das cortezias de mera formalidade; porém ao mesmo tempo inculcar-lhes a razão, e o valor da bem entendida urbanidade, sincera e affectuosa. Esta observação, que talvez pareça minuciosa, é de altissima influencia no tracto da vida humana.

As paixões nascem dos habitos. Um habito, uma afeição, que adquire em nós certo grau de ardor e

impetuosidade, a ponto de fascinar e dominar a razão, e de falsificar o juízo, é uma paixão. Sendo a razão a lei soberana do homem, sendo a imagem da Divindade, toda a paixão que a despreza é pessima e infame. Paixões ha de sua natureza nobres, e são as que nos arrastam impetuosamente para o bem, permittindo-nos escutar a razão: taes são o amor da gloria, o amor da patria, o zelo ardente pelo proximo. Longe de nós a intenção de as impugnar: aconselhamos pelo contrario que se disseminem no coração da mocidade; mas ensinando-lhe ao mesmo tempo a necessidade de regular as occasiões, e o modo de as manifestar.

Outras ha que se devem prevenir em tempo com escrupulosa sollicitude; e o unico meio é apresentar idéas bem claras, e bem completas, das virtudes que lhes são oppostas. Para preservar da avareza, explica bem o que é a economia; para affastar da paixão pelo jogo, fazei comprehender bem o que é o jogo, como simples distracção; em uma palavra tratai de que os vossos educandos adquiram em moral idéas bastante exactas, e bons habitos bem arreigados; assim opporeis uma barreira contra as paixões viciosas no decurso da vida.

Todavia não ha meio da moral mais poderoso que a vigilancia de nós mesmos sobre as nossas proprias acções; porque a moralidade não é outra cousa senão o bom governo das nossas faculdades. Examinar o que dentro em nós se passa, o objecto dos nossos pensamentos, os motivos das nossas acções; tomarmos a nós mesmos conta severa no intimo tribunal da consciencia, submeter nossa vida a um exame regular, calcular o nosso dia pela manhã, passar-lhe revista á noite; eis-aqui um grande meio de educação, e de aperfeiçoamento moral, e que está sempre em nossa mão. Eis-aqui o que aconselhava e practicava o honrado Benjamin Franklin, o sabio benemerito da humanidade.

Este habito, tão proficuo, só na juventude póde conseguir-se, porque o homem moral está todo na primeira idade: portanto é nesta que todo o empenho é pouco para que os educandos o adquiram e conheçam, e avaliem toda a força e necessidade da moral. Milhares de occasiões se apresentam na vida familiar para desenvolver as disposições da infancia. Com a idade, em que os primeiros estudos começam, encta-se tambem a carreira dos nossos deveres. Em cada dia ha uma tarefa que desempenhar, uma obrigação que cumprir. O menino as executa promptamente, ou por instincto ou por obediencia: mas é necessario que se lhe faça comprehender a razão porque as deve fazer, que se lhe assignale a satisfação que experimenta em obrar bem, para que não fique confundida no pégo das sensações communs. A voz interna que lhe diz que deve trabalhar, que deve instruir-se, e fazer o que lhe prescrevem; e o contentamento que sente por ter obedecido, ou feito um progresso, ou desempenhado uma tarefa, não são outra cousa senão esta consciencia, que Deus nos deu, para reconhecermos a lei que dictou á nossa razão. Esta consciencia desponta cedo, mas desenvolve-se lentamente, caminha a par da intelligencia, como ella augmenta ou diminue, com ella se illumina ou se obscurece.

Suscitado o sentimento geral dos deveres, em toda a parte acha applicações. Um menino está em relações immediatas com seus paes, com seus companheiros, com seus preceptores: recebe beneficios d'uns, serviços d'outros, e é alvo das affeições de todos. Faizei-lhe comprehender quanto reconhecimento, e ternura deve a todos em consequencia dessas relações; mas sobretudo mostrai-lhe com que actos deve elle revelar os sentimentos de sua gratidão, e de suas affei-

ções, afim de que se não habitue a toma-las como palavras vazias de sentido, e aquelles actos como meras formalidades.

São mui curiosas de observar as primeiras relações dos meninos com seus camaradas:ahi se revelam com igual candura o seu bom coração, ou o seu egoismo. Ao principio são reservados; mas em breve se entregam á mais affavel familiaridade; desavem-se, disputam, contendem depois por qualquer bagatella, á menor offensa do seu amor proprio; mas tambem não se demoram em perceberem que lhes é necessario transigir, e fazer sacrificios, porque precisam de paz, ou de tregua para seguirem os seus mutuos interesses. Tambem a principio são pouco generosos, mas são mui susceptiveis de generosidade. Naturalmente não se chegam de bom grado ao seu companheiro, que a fortuna ou a natureza infelicitou, que é pobre ou disforme; mas, quando destramente encaminhados a sentimentos benignos, desenvolvem a compaixão, a sympathia, e a generosidade. O coração humano é um oceano de virtudes; e o coração d'um menino é o coração humano com todas as suas riquezas nativas.

O menino não é de sua natureza modesto. E' timido quando a sua intelligencia ainda ignorante encontra em tudo difficuldades, porém não é humilde. A humildade é uma virtude religiosa, e social, que se desenvolve quando o homem entra na sociedade. Os meninos se apreciam, e tomam perfeitamente a sua cathogoria; comparam-se reciprocamente nos brincos como nos estudos, e reconhecem de prompto a superioridade d'uns, a inferioridade d'outros: o que se observa principalmente naquelles estabelecimentos, onde os regentes teem a criminoso fraqueza de favorecerem os filhos dos ricos e dos grandes. Embora lhes prodigalitem premios, e boas notas; os seus companheiros sabem firmar muito bem a sua opinião. A eschola é um verdadeiro remedio do amor-proprio; bem entendido que fallamos da boa eschola; a má, além dos fructos detestaveis, que infelizmente produz, tem o inconveniente de não ensinar os meninos a conhecerem-se, nem a corrigirem-se.

A boa eschola tambem desenvolve os sentimentos de modestia, de sociabilidade, de ternura, de gratidão, de benevolencia, que são todas excelsas virtudes. A má eschola exercita uma influencia contraria. As superioridades excitam a inveja, o ciume, o odio; as distincções mal distribuidas desenvolvem ambição prematura n'uns, infundem damnoso descoroçoamento n'outros. Uns apprendem a sacrificar tudo ao desejo de brilhar; habituam-se a pavonear-se com desmedido amor-proprio; e seu unico cuidado é eclipsar até os seus amigos: outros se afazem á preguiça, ao descontentamento, á maledicencia, á inveja, e ao odio.

Isto é incontestavel; mas por isso que na eschola se manifestam as paixões,ahi as deve combater a educação moral. Tudo está na mão do preceptor. Elle deve apontar aos seus alumnos as causas do brilhante successo d'uns, e da inferioridade d'outros, analysalas em sua presença, e demonstrar-lhes que todos são dotados da faculdade da attenção, e da capacidade para o trabalho; que na verdade receberam da natureza dons diversos, este mais memoria, aquelle mais imaginação, aquell'outro mais juizo, mas que applicando-se todos com igual regularidade podem todos obter, cada um no seu genero, notaveis vantagens.

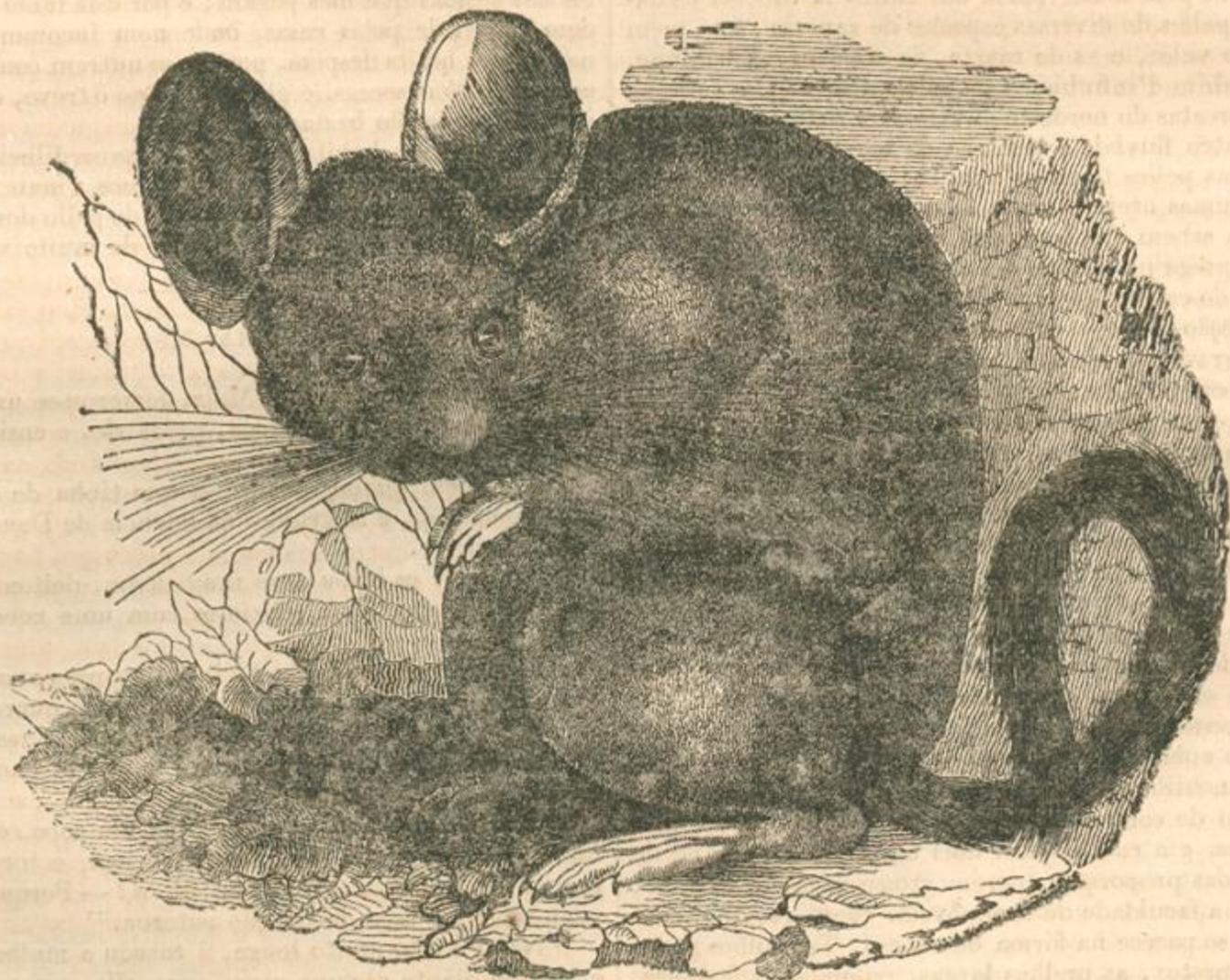
Acontece louvarem excessivamente uns, e reprehenderem fóra de medida outros; e isto faz nascer o orgulho, e a preguiça. O preceptor, que conhecer o coração humano, se resguardará deste excesso; procurará ser justo, e verdadeiro. Não evitará por certo completamente o desenvolvimento do ciume, da maledicencia, do rancor, da ambição, da vaidade; estos

sentimentos dimanam mui naturalmente das nossas disposições primitivas para que seja possível anniquilla-los; mas o bom mestre ensinará a modera-los; combaterá os que podér, e a final desarreigará uns, e mitigará outros. Se os homens não aprendessem ainda moços a moderar o impeto d'algumas destas funestas paixões; se ellas rebentassem pela primeira vez na epocha do maior desenvolvimento das forças phisicas, a sociedade dos animaes ferozes seria menos perigosa que a nossa.

O modo mais ordinario de reprimir os primeiros movimentos culpaveis do coração, é empregar as reprehensões, os vituperios, e até as injurias. E pensam que se corrigirá uma creança, que começa mal, prodigalizando-lhe logo todas as qualificações d'um mau individuo, d'um homem incorrigivel? — Não ha erro mais deploravel. A creança primeiro horrorisa-se vendo fazer de si tal pintura; depois acha-a exaggerada, e a despreza, ou então julgando-se perdida no conceito publico, desespera, e não tarda em justificar esse mau conceito, e perde-se realmente. Olhem os mestres que a historia diz aos legisladores: não patenteis uma opinião, um conceito rigoroso, injusto: isto irritará os povos contra vós, e os impellirá para o mal, que suspeitastes.

Preceptores, e paes, quando reprehenderdes um menino, fazei-o em termos simples, e concisos; sede claros, e breves; nada d'exaggeração, nada d'emphase, nada de ameaças absurdas, que não serieis capazes de realisar, nada de repetições, de pesados sermões. A maior, a mais severa reprehensão para o alumno, deve ser a franca exposição da vossa opinião recta, con-

traria ao que elle practicou. Se elle vier a temer a vossa opinião, temerá a vossa censura; e a vossa auctoridade será omnipotente, se a exercitardes com a conveniente dignidade. Nós temos visto sempre nos bancos das escholas que o mestre que falla com mais gravidade, e brandura, é sempre o mais escutado, o mais respeitado, e o mais amado. Temos visto pelo contrario paes, e mestres, armados sempre da ferula, e de palavras ameaçadoras, semelhantes a lobos esfaimados no meio de timidias ovelhas, espriando-se em injurias, em exaggerações, muitas vezes risiveis umas, detestaveis outras. O riso suffocado dos meninos, e o seu desprezo patente ao passar da trovoadá, sempre nos pareceu ser o unico resultado deste culpavel aviltamento do sacerdocio paternal. Se reflectirmos na branda susceptibilidade dos meninos, na sua profunda deferencia aos nossos juizos, que precisão ha de phrases duras, e de esforços violentos? — Sem duvida deveis reprimir o mal, mas por meios suaves, poupando quanto seja possivel a punição, e sobretudo fazendo-o detestar pelos seus ruins effeitos. E' forçoso confessar uma verdade; os mestres, com raras excepções, quanto mais ignorantes, mais severos: o homem illustrado reprime o ardor do seu genio. Paes, vigiai que os mestres, que destinardes a vossos filhos, não sejam brutaes e estupidos. Que ensinará um estúpido? — Como habilitará seus alumnos na carreira dos bons costumes aquelle que os tiver maus, e for brutal por condição? — Não façais vossos filhos martyres simplesmente do a, b, c. Lembrem-se todos que muitas vezes da educação primeira depende a futura felicidade da vida.



CHINCHILLA.

CHINCHILLA.

QUASI todas as pelleterias, ou forros de pelles que se usam, pertencem principalmente a animaes das duas ordens; carnivoros e roedores. Os forros mais estima-

dos são os que teem o pello comprido, basto, e macio como seda, cobrindo outra camada tambem farta de felpa ou pello mais miudo. A maior parte vem dos paizes frios, e as regiões quentes só exportam algumas

pelles de pello razo; porque a prósida natureza vestiu os animaes adequadamente aos paizes, que habitam. Mas nem só o clima, tambem as estações influem grandemente nas qualidades das pelles: no verão é o pello mais curto e menos copioso que no inverno, e só nesta ultima estação existe na base do mesmo pello a abundancia de cotão ou felpa. A's vezes, conforme as estações, sobrevem alterações consideraveis na côr dos cabellos; em certas epochas do anno os mamíferos os mudam, principalmente na primavera e outomno; e a muda, ou se effectua sem modificar a côr geral, ou o novo pello differe totalmente do antigo. Assim para o norte, a harda, ou esquilo commum, em vez de conservar sempre a sua côr arruivada, toma no inverno um alvadio muito agradável. O rapozo azulado da Siberia [*canis lagopus*] apresenta variações não menos consideraveis, pelo que as suas pelles são d'inverno muito procuradas, ao passo que de verão teem pouco preço.

A maior parte das pelleterias, estimadas no commercio, vem do norte da America, ou da Siberia; mas tambem da Europa meridional se aproveitam muitas, a que os francezes chamam *sauvages*, e são d'uso muito commum, como as de rapoza, as de toirão, as de lontra, as de coelho, lebre, &c. — Porém a pluralidade destas pelles são tintas [ou, como dizem no commercio, *lustradas*] para arremedarem os forros preciosos.

No imperio russo a caça dos animaes das pelleterias faz-se principalmente no dilatado territorio situado a leste do Volga até o Kamschatka, e até nas costas do noroeste da America, onde se acham muitas lontras marinhas, que são forros estimados, e se vendem pela maior parte aos chins. A Siberia fornece as pelles de diversas especies de rapozas, que teem subido valor, e as de marta, de zibelina, d'arminho, &c., além d'infinidades de pelles d'urso. Das immensas florestas do nordeste da America vem as de castor, de lontra fluvial, e tambem de marta, d'urso, &c.

Estas pelles teem as applicações, que todos conhecem, umas uteis e commodas, outras de mero fausto. Todos sabem tambem que o pello d'alguns *roedores* se emprega no fabrico dos chapéus de feltro, assim como o do castor, cujo preço tem descido depois da introdução dos chapéus ditos *de seda*.

A gravura acima representa um pequeno roedor, cuja pelleteria ha muito tempo tem grande consumo e preço nos mercados europeus, sem que fosse conhecido o animal que a produzia. Por informações vagas confundiram-no no genero dos *cricetos*. Porém M. M. Bennett e Becchy, alcançaram alguns em sua viagem em 1831 á costa noroeste d'America; e por sua via poderam estes animaes ser estudados na sociedade zoológica de Londres. Em 1833 estiveram dois vivos no museu d'Historia Natural de Paris, trasidos pelo official de marinha, Mr. Durand. Agora comprehendese esta especie na grande familia toda americana, que corresponde ao genero *cavia* de Linneu, a par das cotias, e cobayas. Os hespanhoes lhe pozeram o nome de chinchilha.

Tem de comprimento este animal nove a dez pollegadas, e a cauda quasi dois terços do corpo. É de limitadas proporções, porém grosso para o tamanho, e goza a faculdade de se enovelar como o coelho, com quem se parece na fórma da cabeça. Tem olhos grandes e pretos, as orelhas largas, redondas, affastadas, e sem cabello, bigodes muito compridos, e move de continuo o focinho como o coelho, porém menos sensivelmente. Nas mãos, ou pés dianteiros, tem quatro dedos desiguaes, com o rudimento do quinto, e nos pés traseiros o mesmo numero, sendo tres compridos, e destes o do meio mais saído que os dois lateraes, e

o quarto e ultimo muito curto. As unhas são compridas e pequenas, menos robustas que as do coelho europeu, que é um cavador infatigavel; por isso, posto que o chinchilha habite em tócas, é provavel que se aproveite das excavações que achar feitas, ou pelo menos da vantagem dos terrenos arenosos, ou movediços. A pelle deste pequeno animal é forrada de pello mais fino que a seda, muito basto, e tão leve que segue todas as direcções d'um fraco assopro, a côr é cinzenta ondeante e muito bella. Prefere-se a mais escura.

O chinchilha póde suster-se sobre os pés trazeiros, mas a sua postura ordinaria é assentado, e assim come levando com as mãos o alimento á boca. Molina escreveu que os individuos desta especie viviam em sociedade, mas parece não ser isto exacto, porque n'uma occasião, em que se ajuntaram dois na mesma gaiola, combateram a ponto de ser preciso separa-los para os conservar. Todavia, ás vezes se acham junctos mais de oito, ou dez, que são os numeros ordinarios de uma familia de chinchilhas. Essencialmente sedentarios, é raro arredarem-se mais de vinte passos das suas habitações, e quando saem é sempre depois de sol posto, e quando não escutam bulha. Parece que a nimia claridade os incommoda. Mas a prudencia, que manifestam em evitar o perigo não exclue certa coragem. Os indios affirmam que os chinchilhas se defendem com bastante energia contra as çarigueias, e outros carnívoros pequenos que são seus inimigos naturais. Propagam tres vezes no anno, e de cada vez cinco ou seis filhos. Quando domesticos, são doces, e se deixam tomar sem pertenderem fugir. Parece gostarem de que os afaguem. Não teem cheiro ruim; e como são extremamente limpos não emporcalham os factos das pessoas que lhes pegam; e por esta razão se podem consentir pelas casas, onde nem incommodam, nem fazem muita despeza, porque se nutrem com grãos cereaes, folhas seccas, e plantas, como o trevo, e a luzerna, de que são bastante gulosos.

Estes animaes habitam as faldas das cordilheiras no Chili, e o Perú. Os antigos peruvianos, mais industriosos que os modernos, fabricavam do pello dos chinchilhas cobertas de cama, e estoffos de muito valor.

AS JOIAS.

O CELEBRE mestre, Rabbi-Meir, demorou-se um sabbado inteiro n'uma synagoga, prégando, e ensinando ao povo a lei do Senhor.

Neste meio tempo dois filhos que tinha de extremada gentileza, e instruidos na sciencia de Deus, vieram a morrer.

E sua-mãe os levou para uma alcova, deitou-os sobre o leito nupcial, e cobriu-os com uma cobertura branca.

Ao cair da noite Rabbi-Meir voltou para sua casa. “Onde estão meus filhos? perguntou:” quero dar-lhes a minha benção. Por umas poucas de vezes corri com os olhos toda a synagoga, e nunca os pude enxergar.

Então sua mulher lhe apresentou um copo com vinho: elle deu graças ao Senhor; bebeu, e tornou a perguntar. “Onde estão meus filhos? — Porque não vem beber na taça da benção paterna.”

“Não estarão muito longe,” tornou a mulher: — e poz-lhe diante alguma cousa para elle comer.

Meir estava de bom animo e alegre; e quando acabou a refeição sua mulher lhe disse:

“Rabbi, has-de-me dar licença que te pergunte uma cousa.” — “Pergunta o que quizeres” — repliou o marido.

“Certa pessoa, haverá uns dias, poz em minhas

mãos varias joias, para que lh'as eu guardasse: pede-m'as agora; devo acaso restituir-lhas?"

"Pergunta é essa, que minha mulher me não devia fazer: disse Rabbi-Meir. Ha que hesitar em restituir a cada um o que é seu?" — "Não, replicou ella; porém não o quiz fazer sem te dar parte primeiro."

Então o conduziu para a alcova, e chegando-se ao leito, tirou a cobertura branca de cima dos dois cadaveres.

Meus filhos, meus pobres filhos! exclamou Rabbi-Meir: filhos, luz de meus olhos, luz do meu entendimento! — Eu era vosso pae; mas vós podieis ser meus mestres nos caminhos de Deus!

E a mãe se voltou para outra banda; e chorava amargamente.

Por fim, apertou as mãos de seu marido entre as suas, e disse-lhe:

"Rabbi, — não me ensinaste a restituir sem reluctancia, o que nos foi dado a guardar? — O Senhor no-los deu; o Senhor no-los tirou: bemdito seja o seu nome!"

"Bemdito seja o seu nome; atalhou Rabbi-Meir, e mil vezes bemdito por que te creou a ti. Certo, com verdade está escripto: — O que achou mulher virtuosa, possui thesouro mais rico do que perolas de grande valia: quando ella falla, da sua boca mana a sabedoria; e a lei da brandura e do amor encontra-se nos seus labios." — *Tradições dos Rabbinos.*

O BRASIL.

1.º

AINDA que hoje este vasto imperio, separado de Portugal, forme por si uma nação, independente por todos os titulos, não deixam comtudo os brasileiros de ser irmãos dos portuguezes. Por que uma grande familia não póde viver reunida, segue-se porventura dahi que os membros, de que ella se compunha, sejam entre si estranhos? Se um filho, chegando á virilidade, saiu de sob a tutela materna, deverá sua mãe amaldiçoá-lo por isso? Neste caso está o Brasil: a sua idade viril tinha chegado. Mais rico do que Portugal; com uma civilisação sempre progressiva; produzindo genios e homens extraordinarios, era absurdo, ou antes impossivel, que os seus habitantes deixassem de conhecer que Portugal não tinha jus a tracta-los como colonos. A consciencia desta verdade causou a revolução do Brasil, e esta revolução era justa. Nós tentámos a sorte das armas, porque o orgulho nacional fora offendido; mas a sorte das armas nos foi contraria, e a independencia do Brasil foi reconhecida. Esses acontecimentos pertencem já á historia; os odios reciprocos estão extinctos; e os dois povos, ligados por laços do sangue, fallando a mesma lingua, seguindo a mesma fé, habituados a usos e costumes mui semelhantes, nada mais devem ser do que aliados fieis, e amigos sinceros. A razão, a politica, e até a religião acoasellham estes sentimentos a ambas as nações.

Entretanto ainda o nosso povo não conhece isto inteiramente; ainda não percebe até que ponto a fraternidade com os seus irmãos de além mar lhe póde ser vantajosa. Afiguram muitas pessoas o Brasil como um paiz ainda inculto e barbaro: creem que a civilisação, as artes, e os commodos da vida, são apanagio só dos europeus. Erro miseravel é este, que cumpre derrubar pelo pé. Importa fazer saber ao povo a verdade, e destruir preocupações vaãs, que só servem de transviar o espirito publico do que lhe póde ser proveitoso. Nós pela nossa parte trabalharemos nisto com animo sincero de ser uteis aos nossos com-

patriotas; e das pessoas illustradas do imperio brasileiro receberemos quaesquer notas, ou rectificações, que tiverem a bondade de nos communicar, sobre o que escrevermos ácerca do seu paiz.

O Brasil é uma terra de esperanças. As produções quasi espontaneas do seu extensissimo solo, regado por tantos rios caudaes, que facilitam o tracto do commercio, o tornam independente dos outros povos, ao passo que estes delle carecem para muitos objectos que se teem convertido em necessidades da vida. A' sombra de boas leis, e se alcançar a tranquillidade interior, aquelle imperio crescerá cada vez mais em navegação e em industria; assim o horisonte do seu futuro brilhante não é facil de comprehender. Verdade é que ainda hoje está em muitas cousas atrazado; mas as fontes da sua prosperidade tem-as em si mesmo, e só precisa de ser administrado com juizo para augmentar sua grandeza, ao passo que as velhas nações da Europa, sobrecarregadas em grande parte de população, contidas em limites estreitos, precisam de mil calculos e combinações economicas e politicas para prosperarem, e talvez muitas dellas para não decairem.

Guardamos para um proximo numero o escrever outra vez sobre as cousas geraes do Brasil, e successivamente iremos dando aos nossos leitores o que poderemos alcançar sobre a situação actual, costumes, e mais circumstancias notaveis daquelle dilatado imperio.

LIMPESA DE METAES.

Cobre e latão. — Se estiver muito sujo, esfregue-se com pó de tijolo inglez, ou pedra podre; molhe-se depois uma boneca de panno de linho na mistura abaixo descripta; esfregue-se o cobre com força e rapidez, e lave-se immediatamente com agua fresca, enxugando-o com panno limpo e secco.

Agua limpa 8 onças.
Oleo de vitriolo 2 ditas.
Pedra-hume em pó 2 oitavas.

Querendo-se que a mistura seja mais forte, ajunte-se maior porção de oleo de vitriolo.

Zinco. — Se o zinco estiver muito sujo, convem limpá-lo primeiro com pó fino de tijolo inglez; depois, com uma boneca de panno de linho, molhada na mesma mistura, se esfregará com muita presteza e força, e lavar-se-ha immediatamente com agua fria bem limpa, enxugando-o com panno de linho, e sem perda de tempo, para que não se cubra de nodos brancos.

Prata. — Faz-se desaparecer a côr denegrida que altera a prata, em que se acabou de comer ovos ou outras iguarias, esfregando-a com fuligem levemente embebida em agua: lava-se depois com agua de sabão, e esfrega-se por fim com gesso-crê.

Concerto da louça e vidros quebrados. — Descubriu-se n'uma substancia animal uma colla, por extremo forte, com que se podem soldar os cacos dos utensilios caseiros.

E' esta colla um producto natural que, sem ser abundantissimo, poderia comtudo chegar para todos os concertos em que é susceptivel de ser empregado. Os caracoes corpulentos, de que ha tão grande copia nos jardins e bosques, e que em algumas partes da Europa servem de iguaria, teem na extremidade do corpo uma bexiguinha cheia de certa substancia de côr alvacentá, que parece gordurenta e gelatinosa. Quando, depois de a extrairem do animal, a applicam entre dois corpos, seja qual for a dureza d'elles, e se unem os ditos corpos de maneira que fiquem em perfeito contacto, é tamanha a adherencia que d'a-

qui resulta, que se acaso, por meio d'uma pancada ou de um forte puxão, tentam separa-los, quebram-se muitas vezes em parte differente d'aquella onde foram soldados. Para que esta colla adquira toda a força de que é susceptivel, é preciso dar-lhe tempo para seccar.

Methodo prompto para apagar incendios em chaminés. — Quando pega fogo em qualquer chaminé deve-se espalhar logo na lareira o brazido e as achas que estiverem a arder, e lançar-lhes por cima, bem espalhadas, tres ou quatro mão-cheias de enxofre reduzido a pó muito fino. Feito isto tape-se immediatamente a boca da chaminé com uma banca, uma porta, ou um panno mólhado, bem unido por todos os lados, de modo que não deixe entrar o ar.

Sendo o enxofre materia muito inflammavel, accende-se no mesmo instante, e de tal maneira absorve o oxigenio do ar contido na chaminé, que a chamma pára logo. Sendo tão facil evitar grandes desastres por este meio, seria prudente haver em todas as casas dois arrateis de enxofre em pó, para um caso destes.

Esta receita talvez inspire receio a alguém, na persuasão de que uma materia que se inflamma tão facilmente, e com tanta actividade, como o enxofre, deve augmentar a intensidade do fogo, em vez de a diminuir. Mas a practica [que vai d'accordo com a theoria] demonstra a efficacia deste meio. Mandou-se, ha annos, em França, verificar se o methodo era bom: fez-se a experiencia n'uma chaminé da casa da moeda, em París, a qual não fôra limpa havia muito tempo. Metteram-lhe dentro quatro ou cinco molhos de carqueja, e deitaram-lhes fogo: quando viram que este tinha pegado por toda a chaminé, e que já saiam por cima as labaredas, deitaram o enxofre na lareira, e taparam a boca da chaminé com uma porta velha: o fogo apagou-se immediatamente. Renovou-se, por tres vezes, a experiencia, e o resultado foi sempre o mesmo.

Recommendamos que não se destape a boca da chaminé, sem deixar passar um bom espaço de tempo, isto é, o que for necessario para deixar extinguir-se bem o lume da fuligem.

Differença d'arabes a mouros. — E' um erro muito commum, adoptado até por alguns historiadores, confundir os arabes, e os mouros, como se fossem o mesmo povo. — Os arabes são asiaticos, do meio delles saíu a religião de Mafoma; elles foram os primeiros que a espalharam na Asia, na Africa, e na Europa. Os mouros são tribus d'Africa, que os arabes musulmanos converteram ao mahometismo. Portanto os mouros são tanto arabes, como eram romanos os godos, os francos, os lombardos, que abraçaram a religião christã que professavam os romanos. Pelo contrario o imperio temporal de Mafoma foi destruido pelos mouros, e os turcos foram convertidos ao islamismo, da mesma maneira que o imperio de Constantino foi destruido pelos barbaros já convertidos ao christianismo.

Pomada para as friciras. — Cera branca, meia onça; tuftano de boi, uma onça; uncto sem sal, tres onças. Cõsam-se todos estes ingredientes em lume brando dentro d'uma vasilha de barro vidrado; depois de uma leve fervura, coem-se por um panno.

Quem padecer de frieiras deve, antes de se deitar, cobri-las com este unguento, e embrulhar os pés, ou as mãos, para que com o roçar dos lençoes não caia o remedio, que a por-se em practica logo que vierem as frieiras, as fará desaparecer [diz o auctor da receita] dentro de tres ou quatro dias.

O SECCAR DAS FOLHAS.

Por Millevoye.

Das ruinas destes bosques
O outomno alastrou o chão:
A selva perdeu seus mimos;
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,
Triste um joven vagueava;
Na sua aurora a doença
Para o sepulchro o inclinava.

“ Adeus floresta querida!
Vestes lucto por meu fim?
Como te cae folha e folha
A morte me segue assim.”

“ Intima voz, que revela
Seu fado extremo aos mortaes,
Me diz: vês cair as folhas?
São estas só: não ha mais!”

“ Sobre esta pallida fronte
O torvo cipreste ondea,
Como o que, pharol de mortos,
Sobre campas se menea.”

“ Antes da vide na encosta,
Antes da relva no prado,
Os dias da juventude
Terão para mim murchado!”

“ Minha linda primavera
Qual a vaã sombra passou!
Eu morro: o euro gelado
Da vida a sete mirrou.”

“ Cae oh passageira folha,
Vem esta senda cobrir;
Esconde ao pranto materno
Logar onde vou dormir.”

“ Mas se vier minha amante,
Involta em véu luctuoso,
Ao pôr do sol, na lameda
Dar-me um suspiro saudoso,”

“ Com o teu leve rugido
Desperta, oh desperta o morto;
Que assim sua sombra tenha
Ainda allivio e conforto!”

Disse: — affastou-se, e não volve:
Ultima folha caiu:
Era o signal: seu sepulchro
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio:
E só do valle o pastor
Quebrou, com som de passadas,
Repouso do trovador.

☞ Os Senhores Socios e Assignantes, que mudarem de residencia no fim do presente semestre, terão a bondade de o fazer constar á Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega deste Jornal.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.